

José Vilhena é o grande herói vivo do humorismo português. Factos e números: mais de 60 livros publicados até 1974. Todos apreendidos. Ninguém jogou melhor ao gato e ao rato com a Censura. Depois de Abril lançou a *Gaiola Aberta* e o *Fala-Barato*. É o único autor, desenhador, editor e director de ambas as publicações. Já lhe chamaram tudo. Talvez por isso ele mesmo rotule a sua própria revista de «pasquim objecto». Escandalizou à esquerda e à direita, ateus e crentes, mas todos o leram — às escondidas, claro.



FEIO, PORCO E MAU

POR CARLOS QUEVEDO E RUI ZINK

K: Aparentemente a sua vida tem três fases: os livros antes do 25 de Abril, a *Gaiola Aberta* e o *Fala-Barato*.

E o *Fala-Barato* já tem quatro anos a brincar, a brincar... E antes dos livros colaborei em jornais, como o *Diário de Lisboa*.

K: A primeira fase, só com desenhos, a segunda fase, só livros, sobretudo de texto; depois a *Gaiola Aberta*... Qual foi a que resultou melhor?

Nós temos sempre saudade do passado e não do presente. Do antes do 25 de Abril, com todas as desgraças, temos saudades pela aventura que isso era e porque tínhamos outra idade. De certa maneira, essa era de gato e rato (a censura) era mais excitante do que é hoje. Hoje não há essa excitação de passar nas malhas da censura. Mas, nessa altura fazia mais os livros não por uma questão de divertimento mas sim para os vender.

K: Era mais fácil para si escrever ou desenhar? Desenhar tem mais dificuldades, exige mais tempo. Para fazer um bom desenho demora-se quase um dia. De maneira que a produção é necessariamente mais baixa em termos de quantidade.

K: Qual é a sua formação?

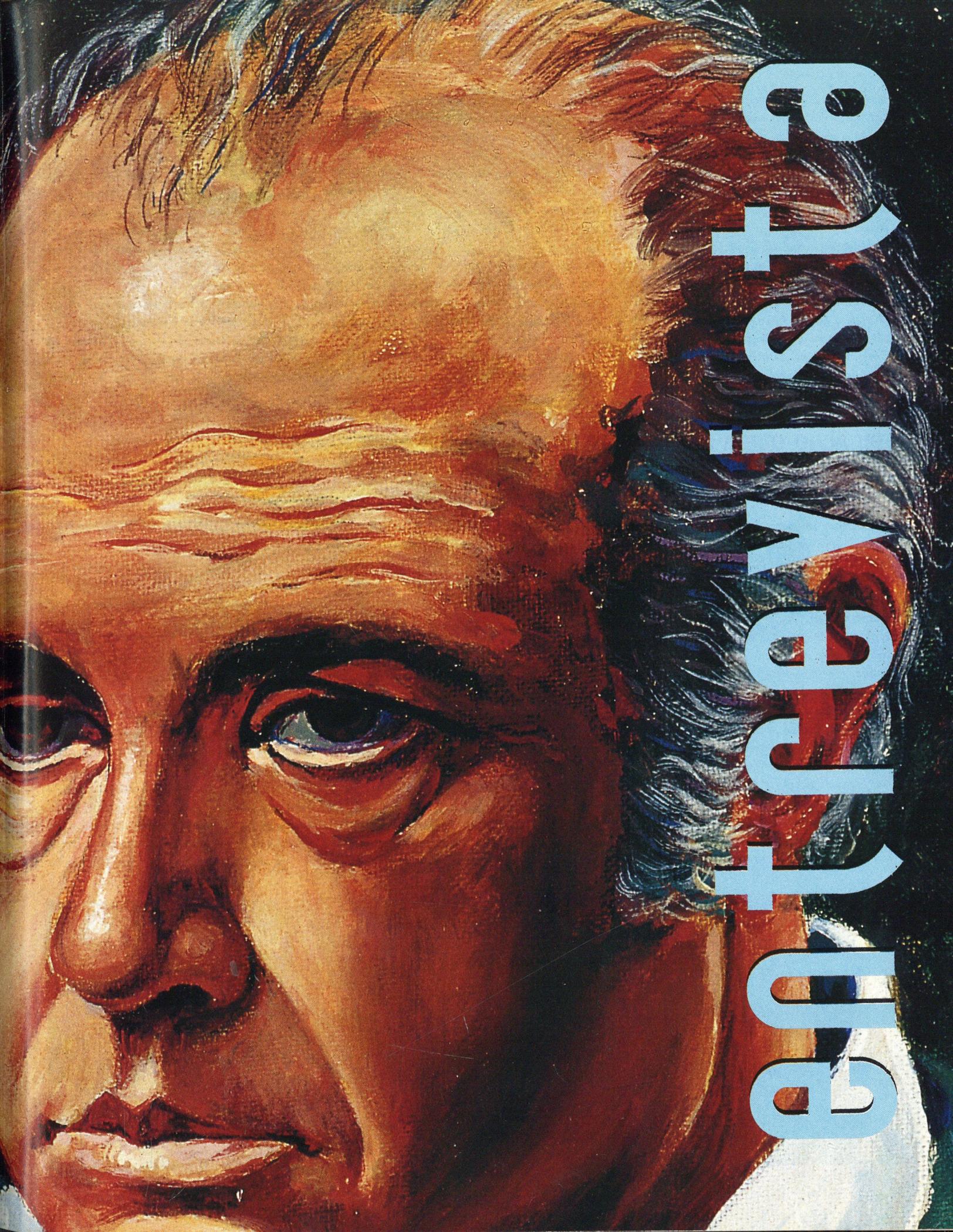
Fui para a Escola de Belas-Artes, no Porto, onde frequentei um curso de Arquitectura.

K: E terminou o curso?

O curso especial. Depois havia um curso superior que eu não terminei, e que eram dois anos. Entretanto vim para Lisboa e comecei a trabalhar. E isso desencorajou-me completamente de estudar. É o que acontece a muito boa gente quando começa a ganhar dinheiro.

K: E conheceu escritores? É verdade que conheceu o Aquilino Ribeiro?

Foi uma questão episódica. Eu publiquei um livro sobre o Stuart em que ele fez o prefácio. Tínhamos



en treve artists

uma certa relação de amizade. Talvez se devesse ao facto de ele ser escritor e eu publicar os livros.

K: Mas ele gostava de si como escritor? Gostava. Quis meter-me na Sociedade de Escritores, gostava de mim mais pela minha ousadia. Se há alguma coisa de que me possa gabar é da minha ousadia nessa época, de publicar coisas que as outras pessoas não se atreviam a publicar. E só me tornei conhecido por causa disso, não pela qualidade.

K: Essa ousadia era uma ousadia política ou uma ousadia só provocadora?

Evidentemente que nunca publicaria coisas a favor do regime, como a maior parte dos escritores. Simplesmente a maior parte deles temia a represália, escreviam mais ou menos nas entrelinhas.

K: Quantas vezes lhe apreenderam livros?

que a PIDE era, talvez porque fôssemos um país muito pequeno e em que as pessoas todas se conheciam. Quando alguém era preso havia sempre um primo ou um tio, ou uma amiga que conhecia um chefe da PIDE ou metia cunhas...

K: Isso aconteceu consigo?

Isto é tudo uma família. Eu quando fui preso conheci um general, que era amigo dum comandante da PIDE, de maneira que... Nunca houve aquela violência que há nos países de Leste. Nos países muito grandes em que as pessoas não se conhecem umas às outras, matam-se e esfolam-se com muito mais facilidade do que num país em que tudo se conhece.

K: Quantas vezes foi preso?

Três vezes e nunca usaram aqueles métodos por que

O Álvaro Cunhal já esteve preso num regime diferente. Nos primeiros três meses estava-se incomunicável, sem papel e lápis para escrever e sem ninguém para falar. Depois dos julgamentos é que os presos iam para celas comuns e já tinham livros, bibliotecas... Eu estive sem comunicação nenhuma com o exterior, basta dizer em que uma das vezes em que eu estive preso foi na época da inauguração da ponte e eu nunca soube aqueles três meses que a ponte tinha sido inaugurada, e nessa altura era um acontecimento nacional.

K: Há algum político português que respeite? É que você bateu em todos.

Agora é lugar-comum dizer-se que o Salazar e o Cunhal são dignos de respeito porque se mantiveram perseverantes, e eu acho que sim... Dos políti-

EU ACHO QUE A IGREJA MERECE MUITO AS PEDRAS QUE SE ATIRAM CONTRA ELA, PORQUE ATRAVÉS DOS TEMPOS FEZ COISAS TENEBROSAS

Apreenderam-me todos. Eu tenho uma colecção de autos de apreensão que englobavam todos os livros. Inclusive, eu cheguei a fazer colectâneas de humor francês, russo, coisas absolutamente inócuas, e só pelo facto de ser meu, de ter uma capa minha, apreendem sem ler...

K: É verdade que uma vez foi à PIDE com um saco cheio de livros seus para lhes poupar trabalho?

Bem, hoje não vemos quanto a vida era difícil nessa altura, apesar de a PIDE nunca ter tido aqueles atributos das polícias políticas russas ou alemãs. A PIDE sempre foi uma coisa muito mais doce e mais branda. Viviam muito da fama que tinha e as pessoas ficavam apavoradas quando se ouvia falar em polícia política. O próprio Partido Comunista nunca teve mártires. Dois ou três talvez — a Catarina Eufémia, o Dias Coelho... A ideia que se fazia entre a população era muito mais tenebrosa do

as polícias políticas são famosas, como torturas e coisas desse género. Até porque no meu caso não tinham nada que torturar, visto que eu não pertencia a partido político nenhum e eles só usavam esses métodos para saberem coisas. Ora tudo quanto eu fazia estava à vista. As primeiras vezes que fui preso tive um medo terrível desses interrogatórios, mas nunca cheguei a ser torturado. Eles davam-me um desprezo total, prendiam-me e punham-se cá fora sem me dizer sequer porque me tinham prendido, ou porque é que me tinham solto.

K: Qual foi o período mais longo em que esteve preso?

Três meses. Eles nunca prendiam mais do que três meses sem culpa formada, isso era do domínio público.

K: Mas três meses já é tempo... Nunca publicou um livro como o Álvaro Cunhal — *Deseñhos da Prisão* — ou uma coisa desse género?

cos, de uma maneira geral, não admiro ninguém, em princípio desconfio sempre deles...

K: E fora da política, que tipo de pessoas respeita?

Não, não, ninguém, não vejo, nem Deus...

K: A propósito, esse anticlericalismo de onde vem?

Eu creio que já é tradicional nos humoristas portugueses serem anticlericais. Desde os tempos em que o Clero tinha realmente poder e que para se ser anticlerical tinha que se ter muita coragem. Pessoalmente, eu acho que a Igreja merece muito as pedras que se atiram contra ela, porque através dos tempos fez coisas tenebrosas. Hoje não faz porque não tem poder para o fazer, mas no dia em que puder funciona como funcionava na Idade Média e os nos tempos da Inquisição. De maneira que não estou nada arrependido das pedras que atiro contra a Igreja.

K: Já alguma vez pensou que lhe podia



SE ISTO ESTÁ ASSIM,
A CULPA É DO OTELO,
E DOS GRUPELHOS MAOÍSTAS,
QUE DIVIDIRAM A
ESQUERDA E OS
TRABALHADORES.



SE ESTA MERDA ESTÁ
ASSIM, A CULPA É DO
VASCO, QUE NÃO TEVE
A CORAGEM PARA
ENTREGAR O PODER
AO POVO.



SE ISTO ESTÁ ASSIM,
A CULPA É DO COSTA
GOMES, QUE TRAIU O MFA
E PERMITIU QUE A REAC-
ÇÃO LEVANTASSE
CABELO.



SE ISTO ESTÁ ASSIM,
A CULPA FOI DO DR.
SALAZAR, QUE ...



OH MEU DEUS!
MAS, AFINAL,
DE QUEM É
A CULPA?



SE ISSO ESTÁ ASSIM, A
CULPA É MINHA, PORQUE PO-
VOEI ESSE PAÍS COM UMA DATA
DE ESCROQUES, BANDALHOS,
ALARVES, CRETINOS E ATRA-
SADOS MENTAIS, INCAPAZES
DE SE GOVERNAR SOZINHOS.

acontecer o mesmo que ao Rushdie?

Eu teria muito receio de estar num país árabe e escrever contra os chefes religiosos. Mas em Portugal, desde que acabou a Inquisição, a Igreja, por querer ou sem querer, tem que ser permissiva, desde a Inquisição que não actua com a ferocidade que actua hoje essas religiões todas...

K: Nunca lhe aconteceu, por exemplo, levar uma sova?

Eu acho que os padres só mandam fazer: não acredito que eles me viessem bater. Eu sou apenas, digamos, excomungado tacitamente nos locais onde a Igreja tem alguma influência, mas isso é feito sem grandes exibicionismos, nunca me vieram incomodar directamente.

K: Quantas vezes o processaram?

tendo, antes do 25 de Abril com a polícia política.

Foi, antes do 25 de Abril com a coisa política. Tive umas pequenas chatices em 1975, com aquele auge do Gonçalvismo em que me proibiram a saída da Gaiola Aberta durante dois meses. Coisas que eu nessa altura fiz, mas já nem me lembro o que era.

K: Que justificação é que lhe deram?

A justificação é cômica, e eles próprios que me disseram isso se riram. É que eu nesse número, em que fiz umas coisas contra o Governo dessa altura, publiquei também uma caricatura da rainha de Inglaterra. O motivo que eles me deram é que a nossa Constituição não permitia brincar, achincalhar, caricaturar chefes de Estado. Essa foi a razão oficial que me deram para proibirem a revista.

outras não, gostavam muito de entrar nessas brincadeiras. Mas hoje o Fala-Barato já não exige esses preciosismos, porque aquilo é só a preto e branco. Deve ser a única revista do mundo que não tem meios tons: cinzentos, grisés, quer dizer, está reduzida aos princípios da tipografia. Podia ter saído em 1800 ou 1780, porque graficamente não tem qualidade nenhuma, são traços pretos sobre fundo branco, papel de jornal...

K: Mas o Fala-Barato tem uma secretária que é a a Dorita... A Dorita tem alguma inspiração real? Existe?

Absolutamente inventada. Se bem que tenho tido correspondência de pessoas que levam um bocado a sério...

K: Porque é que a Dorita se queixa de si?

QUANDO HÁ FALTA DE ASSUNTO, ATACO A VERA LAGOA. NUNCA GOSTEI MUITO DELA POR SER UM BOCADO ARRIVISTA. NÃO A CONHEÇO E ESPERO NUNCA VIR A CONHECER

Processo a sério, a sério só tive o da princesa do Mónaco.

K: Porque foi isso. Por um desenho?

Foi, foi umas coisas que eu publiquei na Gaiola Aberta e ela com certeza não viu nem soube. Suponho que terá sido um grupo de advogados portugueses que se lembraram de pegar nesse caso e arvorar-se em defensores dela...

K: E o que aconteceu com esse processo? Acabou o ano passado. Mudou do Supremo Tribunal para o Tribunal Ordinário, por várias razões. A principal é que ela queria uma indemnização de 400 000 dólares americanos e o Tribunal não permitiu que ela pedisse indemnização em dólares. De maneira que este processo arrastou-se durante sete, oito anos e só há pouco tempo desistiram. Não sei porquê, talvez porque ela estivesse a gastar dinheiro de mais com advogados. Deve ter sido o negócio da China para os advogados portugueses. Eu gastei mais de 1000 contos só para responder ao processo, agora imagine os advogados dela a receberem dinheiro em dólares para manterem o processo em funcionamento, o dinheiro que não envolveu. Eu fiquei muito tranquilo quando ela desistiu do processo, porque 400 000 dólares sempre são 400 000 dólares...

K: Nunca pensa duas vezes quando faz um desenho ou um texto? Nunca pensa no que pode acontecer?

Se eu pensasse nisso não fazia nada. Creio que os senhores também estão dentro desse dilema; se pensassem não faziam a revista.

K: Obrigado. Portanto, o seu único problema em termos de pressões foi, se bem en-

K: Como é que conseguiu publicar a Gaiola Aberta em Maio, logo quinze dias após o 25 de Abril?

Comecei logo a fazê-la a 26 de Abril...

K: Já tinha alguma ideia preparada?

Já tinha... Eu publicava, normalmente, um livro por mês. Eu tinha uma máquina montada de distribuição, e só nunca tive uma revista periódica com o meu nome porque a Censura não me permitia, para isso era preciso ter um registo: director, editor... Nessa altura eles não me permitiam que eu funcionasse com o meu nome. Como o próprio Mundo Ri, que tinha, digamos, uma testa de ferro que funcionava com o nome dele como director e editor da revista e logo que apareceu o 25 de Abril eu apercebi-me que isso tinha acabado e comecei a fazer uma revista.

K: Trabalha sempre só?

Sim. Primeiro, porque não tenho capacidade de trabalhar em equipa. É uma falha estrutural minha. Segundo porque as revistas humorísticas não podem existir pagando cachets e rendas de casa e reformas e secretárias, dactilógrafas, redactores e administradores. Toda essa equipa numa revista humorística é incomportável porque não tem os proventos de publicidade, visto que ninguém anuncia numa revista humorística, em Portugal. As empresas têm um bocado de pejo em anunciar numa revista humorística.

K: Mas teve colaboradores quando fazia fotografias nas Gaiola Aberta.

Eram tipos meus amigos a fazer fotografia, era uma gracinha entrar nessas fotografias. E senhoras minhas conhecidas, algumas das quais eu pagava,

É uma das minhas graças escrever contra mim. Isto existe muito no humorismo português, sobretudo no francês: o ridicularizar-se a si próprio. É sempre muito mais cómodo porque nós não nos rebelamos contra isso.

K: E o Fala-Barato dá dinheiro? A Gaiola Aberta dava dinheiro?

A Gaiola Aberta dava, deu dinheiro. O Fala-Barato não tanto, mas vive, no dia em que não der dinheiro acaba, porque o meu amor ao humorismo não é tão grande que suporte estar a trabalhar e a pagar.

K: E com os livros também ganhava dinheiro?

Sempre foi o meu negócio durante vinte anos, só fiz aquilo, não fiz mais nada, o facto de publicar aquele estilo de livros era uma questão de sobrevivência, e não podia deixar de publicar os livros com aquela virulência. Porque se não o leitor nessa altura desinteressava-se completamente.

K: Os livros custavam 15\$00, 20\$00, quer dizer, era preciso vender muitos para conseguir sobreviver, ou mesmo viver bem.

Bem, eu lembro-me, por exemplo, da Branca de Neve e os 700 Anões que vendeu 50 000 exemplares. E cada exemplar custava-me só 2\$50...

K: Porque é que ataca tanto a Vera Lagoa? É algum ódio de estimação?

É tradicional, é mais um motivo: quando há falta de assunto, ataco a Vera Lagoa. Conhece um texto do Eça em que ele um dia, com falta de assunto, não sabia para que lado se havia de virar e então deu uma sova ao rei de Tunes, que ele não conhecia de parte nenhuma nem tinha nada contra ele. A Vera

Lagoa é mais um motivo quando não há motivo.

K: Então não tem nenhuma velha história. Nunca gostei muito dela por ser um bocado arrivista, mas não tenho nada particular ou de especial contra ela, até acho que deve ser uma pessoa muito simpática, bola para a frente, desinibida. Não a conheço e espero nunca a vir a conhecer.

K: Mas fez um livro que era mesmo uma paródia do livro dela...

Era uma paródia do livro dela, se bem que essa paródia não a atingia especificamente, atingia sim as pessoas que ela pôs no livro. Mas eu creio que ela não está assim muito aborrecida porque eu sempre a trato assim nuns termos mais ou menos corteses.

Quer dizer... ainda por cima ela não pode... ela que

anos que eu topo que tenho mais ou menos os mesmos leitores.

K: Está a sugerir que o seu humor se calhar está desactualizado em relação às novas gerações?

É capaz. Funciono muito ainda nos moldes do Bordalo Pinheiro, gente de há cem anos, e de há oitenta anos. Também não sei que tipo de substituição é que possa haver para este género de humor. É que eu não vejo criar nada de diferente. Gostaria muito que houvesse revistas humorísticas mas, presentemente, não há concorrência.

K: É o único humorista que existe em Portugal?

Neste momento não há concorrência, nem boa, nem má. No tempo do Salazar havia 5 ou 6 jornais

O que só me admira é que, como aconteceu com o 25 de Abril, as pessoas pensantes não soubessem que aquilo devia ter um fim. No 25 de Abril eu, e possivelmente a maior parte das pessoas que conheciam o regime salazarista, pressentiam que aquilo tinha um fim mais dia menos dia, como o regime soviético. Dizia muitas vezes, a brincar que os soviéticos deviam criar um país, por exemplo Cuba ou outra zona, onde fizessem um regime democrático, embora isso lhes custasse muito dinheiro. Como financiar uma espécie de «andar modelo», como quando se vai ver um casa... Eu só não propus isso ao Kremlin porque não tive possibilidade. O facto de se criar um país modelo comunista tinha muito interesse. O Ocidente ia visitá-lo e via que havia liberdade, que havia fartura, que havia boas

EU CREIO QUE HÁ MAIS BORDÉIS DO QUE HAVIA ANTIGAMENTE. ANTIGAMENTE ERAM FIXADOS PELO GOVERNO, PELA LEI, PELOS PODERES PÚBLICOS E AGORA NÃO

se queixa muito que a processam, de perseguições... de pessoas que ela... nessa altura estou completamente à vontade que ela não vai...

K: Não tem então contacto com a gente de quem fala?

Basta ler os jornais e ver televisão. Todo o meu humor é baseado em coisas já do domínio público. Não sou propriamente um jornal de investigação tipo Independente e outros jornais. O humor com assuntos que não são do domínio público não resulta porque as pessoas não percebem o que está por detrás. Não se pode fazer humor de uma coisa que o público desconheça.

K: Quem são os seus leitores? São os mesmos que tinha antes do 25 de Abril?

Acho que vivo um bocado à conta dos velhos leitores. Quando morrerem ficarei sem leitores, não sei se haverá uma renovação de leitores...

K: Isso preocupa-o?

Não me preocupa nada, porque também não me preocupa acabar com a revista e deixar pura e simplesmente essas actividades; não fico com grande pena, porque presentemente dá-me mais trabalho do que lucro, embora me dê alguma satisfação. Mas essa camada de pessoas que me lêem são ainda conhecedores da ordem porque por detrás dos assuntos que eu ainda hoje falo existe uma lembrança, uma saudade, entre aspas, dos velhos tempos e, portanto, são as pessoas que atravessaram esse deserto de salazarismo, de marcelismo que compreenderão algumas coisas que lá vêem no Fala-Barato. Não faço a mínima ideia a quem é que se vende esse tipo de revistas, mas eu presumo que sejam aos velhos leitores, porque são sempre os mesmos. Há 30

humoristas com todas as dificuldades que havia, de maneira que ou se está a perder um bocadinho essa veia, ou então os jornais estão a entrar pelo lado humorístico e estão a meter a foice em seara albeia. O jornal humorístico deixou de ter interesse porque esse espaço está preenchido e os senhores sabem isso melhor do que eu.

K: Quanto vende o Fala-Barato?

Por volta dos 20 000. Já fez 28 000, já fez 18 000, anda por esses parâmetros...

K: Deve ganhar uma fortuna, desculpe, mas você deve ganhar uma fortuna...

Não ganho porque a parte gráfica é muito cara e os senhores sabem que publicar uma revista sem publicidade, por mais tiragem que faça, perde dinheiro.

K: Acha que foi um bom trabalho voltar a reformular a revista depois do 25 de Abril?

A verdade é que eu não a reformulei muito, o que eu talvez fizesse foi a coisa mais, mais, mais de caras, mais virulenta, sem escrever tanto nas entrelinhas, mais directo, mais objectivo.

K: Politicamente para si foi a mesma coisa. Foi a mesma coisa. Depois do 25 de Abril, nós estávamos na iminência de cair noutra ditadura, de maneira que havia sempre motivo para criticar. Hoje estamos num regime um bocado salazarista; o Cavaco Silva cada vez se parece mais, fisicamente, com o Salazar e só temos uma vantagem em relação ao salazarismo que é a não existência de censura.

K: Como é que se autodefine politicamente e ideologicamente?

Nem um partido nem uma política. Há uma coisa fundamental de que não gosto: ditaduras.

K: Tem pena da queda da União Soviética?

mulheres etc., tudo perfeito. Custaria, evidentemente, muito dinheiro à União Soviética, mas eles gastavam tanto dinheiro a promover regimes comunistas noutros países que bem podiam suportar o «andar modelo».

K: O modo como os alemães estão a avançar não o assusta?

Os alemães sempre assustaram. Há duzentos anos que assustam as pessoas, não sei o que vai ser a Alemanha. Essa pujança alemã sempre assustou. É como a pujança nipónica: é de meter medo. Vamos lá a ver, espero que quando as coisas se desencadearem já não esteja cá, mas é de pensar duas vezes. Essa história do Hitler e do espaço vital está qualquer dia a funcionar em relação à Alemanha e ao Japão. Era o que eles chamavam o espaço vital, não sei se vocês são dessa época. A Alemanha era grande de mais para o seu tamanho físico, e hoje a Alemanha e o Japão estão a ser já grandes de mais para o seu desenvolvimento. Felizmente, os alemães agora têm muito com que se entreterem lá para Leste e deixar tranquilo aqui o resto.

K: Muitas pessoas acham que o trabalho que faz é sexista.

Machista?

K: Sim, mais ou menos machista.

Não sei, é um hábito muito antigo e nessa altura era-se um bocado machista embora a palavra não existisse. Penso que se perdeu um bocado o interesse pela vida quando se começou a fazer unissexo. Desde a roupa até às maneiras, perdeu-se um bocado o interesse pelo sexo, pela conquista... Perdeu-se um bocado esse interesse pela vida. Não sei o que é que vai acontecer daqui por diante.

K: Acha que há um humor português?
Há dois tipos de humorismo: o latino e saxónico. Este é mais difícil, mas mais subtil, e aquele é mais de caras, mais desbloqueado.

K: O que faz rir? Só o sexo e as minorias?
É a desgraça albeia.

K: Nunca pensou reeditar algum dos livros que vendeu antes do 25 de Abril?

Não. Por falta de tempo, de oportunidade. Penso que um dia podia fazer uma experiência, embora com uma certa selecção, um bocadinho de modificações. Os livros que editei são capazes de ter um interesse documental dessa época.

K: Estou a pensar na *História Trágico Marítima*: não pensou, por exemplo, pedir um subsídio à Comissão Nacional dos Desco-

brimentos?

Isso era como pedir um subsídio ao Salazar...

K: Mas eles dizem que até é um favor que se mostre as partes podres...

Pedir subsídios não está dentro do meu feitio. Eu acho que a coisa ou vive do interesse do público ou não vive.

K: Mas pediu um subsídio de papel.

Isso é uma brincadeira que eu faço com os poderes públicos porque sei que não dão. Está escrito na lei de Imprensa, por incrível que pareça, um artigo que diz taxativamente que não há subsídios nem de papel nem porte-pago nem outras benesses para revistas pornográficas e humorísticas. Eles põem as duas coisas par a par, não distinguem uma coisa da outra, quando uma revista humo-

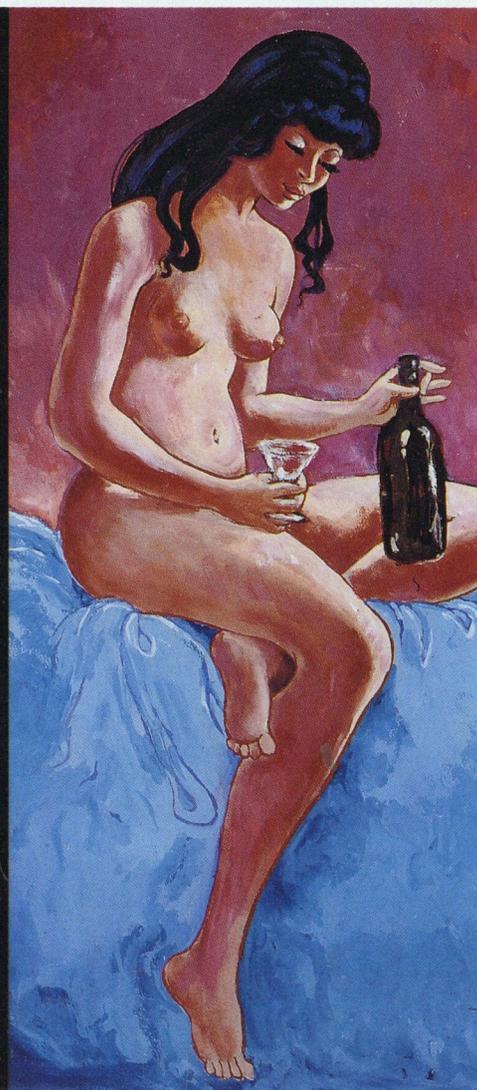
ristica pode não ser absolutamente nada pornográfica, nem sequer erótica.

K: Na lei de Imprensa vigente?

Sim, na última lei de Imprensa assinada pelo Mário Soares como Primeiro-Ministro. Nessa altura escrevi uma carta, muitas cartas falando exactamente disso, por o nome dele estar ligado a essa coisa tenebrosa. Mas ele, coitado, deve ter assinado aquilo... Não estou contra ele, ele assina muito de cruz.

K: Quer dizer que também não conhece o Mário Soares...

Eu evito o mais possível conhecer pessoas conhecidas. É uma perda de tempo, e depois ficam logo catalogadas com o pessoas sobre as quais eu não posso dizer nada, pois parece mal escrever contra uma pessoa



que é ainda conhecida e amiga.

K: Não brinque. Em Portugal, nunca lhe aconteceu isso?

Eu tive aqui um caso, vinha aqui um engenheiro almoçar muitas vezes que era casado com a secretária de Estado Isabel Mota, assim uma loira espetacular tipo Marilyn Monroe, e para mim seria um motivo muito interessante ter uma loura dessas no jornal permanentemente, como tenho a Vera Lagoa. Era muito mais engraçado ter a Isabel Mota, sempre podia fazer outros desenhos.

K: Mas conte, conte...

Uma vez eu publiquei a História de Portugal, a história do rei D. Henrique, que na sua velhice já não comia nada e tinha uma ama da qual mamava, porque tinha medo de ser envenenado e o leite

Para não ter problemas pessoais. Talvez seja por uma questão de cobardia da minha parte. Incomodar-me-ia muito encarar uma pessoa da qual eu tivesse acabado de dizer mal ou caricaturar. Quando me apresentam uma pessoa conhecida eu digo logo «espero que não tenha nada a dizer...».

K: Para não conhecer as pessoas de quem se escreve você tem que fazer uma vida quase de eremita. Lisboa é tão pequena.

Acontece isso, como aconteceu neste caso: dos políticos conhecem-se os maridos...

K: Surpreende-me que só tenha acontecido esse caso, porque estar 30 anos a meter-se com as pessoas e só ter um caso...

Sabe, muitas vezes já me tem acontecido e embora as pessoas saibam, a coisa está tão passada que disfar-

çam e eu disfarço também.

K: Já escreveu para uma revista teatral? Já fiz essa colaboração em duas ou três revistas há muitos anos, mas não tenho muito tempo para fazer isso.

K: E gostou?

Gostei e até economicamente foi muito saudável. Eu acho que o teatro é um negócio da China para os escritores teatrais. Ainda aqui há tempos estava a falar com o Luiz Francisco Rebello e quis claramente dizer isso, que é imoral os direitos que o autor recebe. Eu durante dois anos tive uma comédia chamada As calcinhas amarelas e tinha 10% sobre a receita bruta. A revista durante dois anos de casa cheia dava 500 contos, 600 contos, 700, 1000 contos, era conforme os lugares onde estives-

HOJE NÃO HÁ ESSA EXCITAÇÃO DE PASSAR NAS MALHAS DA CENSURA. MAS NESSA ALTURA FAZIA MAIS OS LIVROS PARA OS VENDER

que bebia não era de vaca. Isso é histórico, vem nas enciclopédias e, por incrível que pareça, a ama chamava-se Isabel Mota. Até aqui é histórico e eu publiquei esse capítulo da História de Portugal com a única diferença de que nas caricaturas da ilustração do texto a cara da Isabel Mota era a cara desta Isabel Mota. Acontece que não sabia que o marido dela vinha cá almoçar, não o conhecia, cumprimentava-o mas não sabia das ligações... Nunca cá trouxe a mulher... Depois as outras pessoas que vinham cá comer, amigos comuns e amigos dele, é que me disseram: «você fez uma coisa tenebrosa. Então vai pôr a mulher do fulano...»

K: E esclareceu o incidente?

Ele deixou de cá vir e acabou por perceber que eu não sabia, mas ficou sempre um atrito. De maneira nenhuma eu gostaria agora de o enfrentar e ele muito menos.

K: Esse é o único limite que acha que o humor pode ter? Qual é o seu limite?

Não há limite.

K: Para si é um limite conhecer a pessoa de quem faz a caricatura, ou faz troça.

Sinto-me um pouco incomodado. Tenho um caso muito mais curioso: num dos livros a certa altura eu escrevi «A vaca da minha porteira» e eu tinha uma porteira no meu prédio e nunca pensei que ela soubesse que eu fazia livros... Foram dizer à porteira que eu lhe tinha chamado vaca no livro e uma coisa não tinha nada a ver com a outra. Ela ficou muito incomodada, e o marido foi falar comigo por eu lhe ter chamado vaca. Evidentemente que quando falava de porteiras nunca mais lhe chamei vacas.

K: É um problema ético, ou mais um problema de conforto para não ter problemas?



sem sentados. Simplesmente, já foi há dez anos e 50 contos era quatro vezes mais. É um negócio da China quando a comédia ou a revista resulta, não é? Na revista já não se ganha tanto dinheiro porque são vários autores, dois ou três autores de texto, dois ou três autores de música, mas na comédia todos os direitos de autor são para o próprio autor. Portanto, por uma questão de moralidade, os autores deviam ganhar muito menos do que ganham e contra mim estou a falar, porque é muito dinheiro realmente. Eu acho que o que o teatro precisava, já não digo de mim, que já não tenho élan, mas de gente para escrever. O mal todo do nosso teatro, do nosso cinema, é o texto.

K: Que acha do *Lusitânia Expresso*?

ciam. Mas tenho a impressão que não é por isso que vai mal ao mundo. Tenho a impressão que agora há mais quantidade e menos qualidade.

K: Que pensa da Sida? Esta paranóia da Sida, acha um exagero?

Vocês Já não são desse tempo, mas eu sou de um tempo em que ter a sífilis era tão pavoroso como hoje ter a Sida. Era uma condução à morte porque não havia cura possível, como hoje não há para a Sida. E não foi por isso que as pessoas deixaram de brincar, o mundo é muito mais pequeno, as pessoas comunicam muito mais... Antigamente só falava da sífilis quem a tinha. Mas eu creio que se tem mais medo que as estatísticas por enquanto nos mostram. Não sei como vai ser o dia de amanhã mas era muito

Ou tentaram?

Não, nunca, nem obrigado nem a pedir.

K: Nem aquela coisa de dar a entender «chateamos-te se tu...»?

Não, até porque, sem falsa modéstia, ninguém liga muita importância a este tipo de literatura.

K: Eu conheço um juiz, pelo menos, que tem toda sua obra completa.

Pois, as pessoas acabam por ler e divertir-se mas não é, digamos, conversável entre as pessoas. Se há escritores malditos tenho a impressão que sou um deles. Há um certo entendimento entre as pessoas bem pensantes para esquecer e fazer de conta que não existe, por exemplo, ontem houve um programa sobre a má língua e

UMA DAS CURIOSIDADES COM QUE EU ESTOU É VER SE ACABA A MISSA NO CANAL OFICIAL E PASSA PARA O DA IGREJA

Não sei se será prematuro eu dizer que acho aquilo uma patetice, uma criançice e que só vai criar problemas aos timorenses.

K: E dentro da patetice, acha que o barco devia ter continuado um bocadinho mais? Acho que sim. Aquilo redundou em ridículo e não há nada pior para destruir uma causa.

K: Aceita a acusação de obsceno do *Fala-Barato*?

De maneira nenhuma.

K: Mas na própria capa diz que o *Fala-Barato* é um «pasquim abjecto».

Isso é aquilo que os outros nos apodam. É uma gracinha.

K: Esta é uma pergunta fora do contexto, mas não resisto à curiosidade: existem bordéis em Portugal?

Eu creio que há mais bordéis do que havia antigamente. Antigamente eram fixados pelo governo, pela lei, pelos poderes públicos e agora não. Antigamente havia licenças e agora não, são de iniciativa privada. Antigamente pagavam taxas, impostos, licenças, havia um controlo absoluto, não só pelo bordel como pelas meninas dos bordéis, eram matriculadas.

K: Terminou com o 25 de Abril?

Terminou antes do 25 de Abril. O facto do Estado ganhar dinheiro com os bordéis terminou com uma célebre lei do Salazar, de 1960, e eles simplesmente proliferaram com mais violência quando foram proibidos oficialmente.

K: Agora é tudo privado?

Agora é tudo clandestino. Clandestino também não, porque senão as pessoas não os conhe-

mais grave a sífilis há cem anos pela quantidade de pessoas infectadas. Não faço ideia, mas 20 ou 30% da população morria de sífilis. Hoje não morre 20 ou 30% da população com Sida, por enquanto. Pode ser que entretanto resolvam o problema.

K: Muita gente diz que foi o escritor mais vendido.

Eu creio que sim, nessa altura devo ter sido. O mais apreendido, pelo menos. Houve um livro de que me apreenderam os 50 000 exemplares, a própria camioneta da tipografia.

K: Foram queimados todos os exemplares?

Não, depois do 25 de Abril vim a saber que aquilo foi esbanjado e distribuído. Não sei que tipo de pessoas se apropriou desses livros.

K: Estes bares, o Confidencial e o Night & Day são seus? Como funcionam? São parecidos com o Elefante Branco?

O Elefante Branco é mais dirigido pelos donos, que funcionam lá. Isto aqui é mais anárquico, os empregados é que fazem. Não sei muito bem o que é que se passa no Night & Day porque, em dez anos, vi-o fechar duas vezes. Um bar nocturno não me seduz muito, mas é um bocado Elefante Branco, com o tipo de negócios que fazem lá os frequentadores e as frequentadoras.

K: Só se preocupa com as bebidas, a contabilidade e com os salários?

Os negócios lá entre as pessoas não são da minha jurisdição.

K: Já alguma vez o pressionaram a escrever ou a deixar de escrever alguma coisa?

nada melhor lá estaria representado do que o Fala-Barato. Se há má língua é esta! Eu acredito que ande um dedo da Igreja, que é um dedo sinistro, invisível. Tem havido muitos programas sobre jornais humorísticos e em Portugal só há um jornal humorístico, estavam lá várias pessoas menos eu, portanto, há um certo entendimento do qual eu não me queixo. Até me dá uma certa comodidade viver nesta semi-clandestinidade. Já estava habituado a ela antes do 25 de Abril; mantê-la está dentro dos meus hábitos e costumes. Não me interessa muito publicidade do Fala-Barato, tenho a impressão que não lhe aumentaria as vendas.

K: Como é que acha que vai ser o canal da Igreja?

Fiquei contentíssimo, porque vai ser um bem para o jornal se nessa altura ainda existir. Vai ser mais uma Vera Lagoa para mim. Mas eu acho que foi um disparate tremendo. Até para a própria Igreja era muito mais cómodo pôr os ovos nos ninhos alheios, como está a fazer presentemente. Uma das curiosidades com que eu estou é ver se acaba a missa no canal oficial e passa para o da Igreja, mas não acredito muito nisso.

Também não acredito muito na rentabilidade daquele canal já que, por exemplo, a publicidade hoje é toda pornográfica, não há publicidade que não tenha uma mulher com mamas à mostra. É muito difícil ver um anúncio sem mulheres, sem erotismo. A Igreja vai ter muita dificuldade em aceitar, mas eles também não têm vergonha nenhuma.

